

VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO E A APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO RURAL VILA SANTA CLARA, EM DOURADO (SP)

João Paulo Rosalin ¹
Rafael Freitas Bezerra ²
Leandro Di Genova Barberio ³

RESUMO

Desde o século XIX, o café, uma das culturas predominantes da cultura brasileira, passou a ocupar também o Planalto Ocidental Paulista, fazendo com que diversas porções do território paulista fossem sendo preenchidas de acordo com a expansão das ferrovias e a produção cafeeira. A partir de fontes bibliográficas históricas e geográficas, levantamento de dados em trabalho de campo e imagens sobre a formação territorial analisada, será discutido a coexistência econômica e cultural presente na formação social, visando investigar a paisagem cultural, a apropriação visual e subjetiva da Vila Santa Clara, localizada no município de Dourado (SP). Assim, nosso objetivo é entender suas formas materiais e imateriais associadas às diferentes composições do espaço, compreendendo o processo de valorização espacial da Vila, sua alteração histórica, políticas, econômicas e sociais de acordo com as novas ações que se desenvolvem em seu território.

Palavras-chave: Valorização espacial, Paisagem cultural, Dourado (SP), Bucólico, Bairro rural.

RESUMEN

Desde el siglo XIX, el café, uno de los cultivos predominantes de la cultura brasileña, pasó a ocupar también la Meseta Oeste de São Paulo, provocando el llenado de varias porciones del territorio paulista en función de la expansión del ferrocarril y de la producción de café. A partir de fuentes bibliográficas históricas y geográficas, datos de trabajo de campo y imágenes de la formación territorial analizada, se discutirá la coexistencia económica y cultural presente en la formación social, con intención de investigar el paisaje cultural, la apropiación visual y subjetiva de Vila Santa Clara, ubicada en el municipio de Dourado (SP). Así, nuestro objetivo es comprender sus formas materiales e inmateriales asociadas a las diferentes composiciones del espacio, entendiendo el proceso de valorización espacial de la villa, sus cambios históricos, políticos, económicos y sociales en función de las nuevas acciones que se desarrollan en su territorio.

Palabras clave: Apreciación espacial, paisaje cultural, Dourado (SP), Bucólico, Barrio rural.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, joao.rosalin@unesp.br;

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, freitasrafaelbez@gmail.com;

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, leandro.g.barberio@unesp.br;

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O café, produto primário introduzido no Brasil no intuito de suprir demandas do mercado internacional, é uma das culturas predominantes de nosso sistema agrário. Oriunda do fruto, a bebida quente popularizou-se ao ser utilizada como estimulante pelos operários da indústria com a Revolução Industrial no século XIX (PRADO Jr., 1967; TOPIK, 2003; FREDERICO, 2017). O grande impulso ao avanço do Meio Técnico (SANTOS, 2017 [1994]) no país se deu graças à produção cafeeira, responsável principal pela mecanização do território, através da industrialização (via substituição de importações) e da construção de ferrovias (SILVA, S., 1986; CANO, 1998; FREDERICO, 2017).

A partir das décadas de 1870 e 1880, as plantações de café, antes concentradas no Vale do Paraíba, passam a ocupar também o Planalto Ocidental Paulista (MONBEIG, 1984). Isso se deu, conforme pesquisa de Frederico (2017, p. 80), pela grande disponibilidade de terras não ocupadas, juntamente à difusão das ferrovias e do telégrafo e à racionalização da produção (inclusão da técnica) permitindo o aumento da área plantada e da produtividade.

Dessa maneira, diferentes porções do território paulista foram ocupadas, permitindo a variabilidade e a especialização produtiva. Algumas das principais ferrovias do período, que conduziram a expansão da produção cafeeira, foram a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (CMEF), a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF), a Estrada de Ferro Araraquara (EFA), a São Paulo Railway (SPR), a Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) e a Companhia Estrada de Ferro do Dourado (CEFD) (**figura 1**).

Nos diz Frederico (2017) que:

As regiões cafeeiras, que naturalmente se diferenciavam pelas suas características climáticas e morfológicas – que interferem diretamente na qualidade da bebida –, passaram a se distinguir ainda mais com o desenvolvimento de novos sistemas técnicos e normativos adaptados às suas particularidades produtivas e fisiográficas. (FREDERICO, 2017, p. 94).

A nova situação geográfica (SILVEIRA, 1999) que se apresentava, se caracterizava pela difusão de uma psicoesfera (SANTOS, 2017 [1994]), movida pela dinâmica do consumo, e de uma tecnoesfera, (*idem, ibidem*) por meio da construção de macrossistemas técnicos que permitiu e tornou necessária uma nova fluidez e gradativa integração do (e sobre o) território brasileiro (SANTOS e SILVEIRA, 2001; FREDERICO, 2017) e, sobretudo, paulista. Conforme Matos (1974),



À atividade cafeeira estão vinculados dois importantes elementos da História de São Paulo: a colonização, por meio de trabalhadores europeus, e a estrada de ferro. Esta nasceu intimamente ligada ao café, pois os seus promotores, quer no Rio de Janeiro, quer em São Paulo e mesmo em outras regiões, foram fazendeiros, e toda rede ferroviária, com raras exceções, foi construída em função da cultura cafeeira. (MATOS, 1974, p.10).

**FIGURA 1 - Oficina da Companhia de Estrada de Ferro do Dourado em Dourado-SP
(Década de 1940)**



Fonte: Autor desconhecido. Acervo: João Paulo Rosalin.

Nesse contexto, de implementação tecnológica e advento migratório europeu, uma nova fase produtiva penetrava rumo aos chamados Sertões de Araraquara (MONBEIG, 1984), no centro-oeste paulista, onde se localiza o município de Dourado. Segundo aponta Follis (2008), nas últimas décadas do século XVIII, tem-se:

[...] o início da apropriação da terra e do povoamento dos chamados Sertões de Araraquara, expressão que servia para designar uma vasta área do território paulista. Região que se principiava na margem direita do Rio Piracicaba e se estendia pelo planalto ocidental paulista, na faixa compreendida entre o Rio Tietê e Mogi-Guaçu. Dessa forma os sertões de Araraquara, ou Campos de Araraquara, designavam um extenso território de fronteiras indefinidas ainda não explorado e pouco conhecido pelo colonizador, em contraponto à região mais trilhada e conhecida da margem esquerda do Rio Piracicaba. É nessa região que ao longo do século XIX, surgiriam freguesias e vilas que no século seguinte se tornariam importantes cidades paulistas, tais como Rio Claro, Jaú, Araraquara, São Carlos, Matão, Jaboticabal, Catanduva e outras. (FOLLIS, p. 6, 2008).

Dentre essas vilas, estabelecidas nos caminhos ferroviários, se encontra o Distrito de Santa Clara, fundado pelo decreto Decreto Estadual nº 6.950, em 06 de fevereiro de 1935, situado entre os municípios de Dourado e Ribeirão Bonito e o, então, povoado de Trabiçu. Poucos anos depois, o Decreto Estadual nº 9775, de 30 de novembro de 1938, estabelece uma readequação de fronteira, incorporando a localidade ao município de Dourado, fato que leva à extinção de tal distrito e sua adaptação à condição de bairro rural, tendo seu cotidiano diretamente ligado às atividades da sede e da ferrovia.

Após a desativação da Companhia Estrada de Ferro do Dourado (CEFD), em 1966, a localidade caiu no ostracismo e no abandono da política pública municipal, até meados de 2010, quando passou a despertar o interesse de uma nova lógica imobiliária pautada na valorização espacial do bucólico, do rural e do contato com a natureza.

Nosso objetivo, neste trabalho, é entender como a paisagem cultural e suas formas materiais e imateriais estão associadas às diferentes ações de composição do espaço geográfico, onde a lógica de ocupação e a valorização espacial da Vila Santa Clara em Dourado (SP), são modificadas a partir do contexto histórico, político, econômico e social. Para isso, como metodologia, utilizamos de fontes bibliográficas históricas e geográficas, coleta e análise de dados primários em trabalho de campo e de dados secundários e imagens sobre a formação territorial analisada.

A PAISAGEM CULTURAL COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

Durante o percurso da ciência geográfica, a noção de paisagem passou por diversas abordagens, onde diferentes contextos privilegiaram, ora mais, ora menos, as possíveis formas de interpretação baseadas no conceito. Isso fez dele um dos mais amplos e polissêmicos da geografia. Todavia, Cosgrove (1998 [1984]) ressalta que aceitar a ambiguidade da paisagem não nos faz excluir o exame cuidadoso das suas origens, nem suas relações.

Santos (2017 [1994]) ressalta a importância da paisagem ao apontar que a relação entre objetos geográficos distribuídos em dado espaço, contribui para uma determinada configuração espacial que é perceptível na paisagem, sendo a sociedade a responsável por dar vida a esses objetos. Sendo assim, a paisagem é um conceito que auxilia na interpretação do material e do imaterial, relacionando-se com a sociedade, que fornece sentidos ao movimento social, que por sua vez, é vitalício.

É a partir das relações com a estrutura e os processos históricos mais amplos que Cosgrove (1998 [1984]) debate o estudo da paisagem como uma maneira de experimentar o mundo, sendo desenvolvido e significado por grupos sociais, constituindo, para o autor, um

conceito ideológico. Os movimentos da sociedade apresentam além de aspectos espaciais, dinâmicas temporais, onde cada período histórico possui relação direta com o espaço em que se insere, sendo, simultaneamente, produto e pré-condição da conformação social.

É nessa linha de raciocínio que Cosgrove (1998 [1984]) nos diz sobre a necessidade de tratar a paisagem em um contexto histórico, levando em consideração as relações produtivas entre as pessoas e o mundo que habitam, sendo a paisagem entendida como uma forma de ver o mundo. A partir desta premissa que o autor estuda a evolução das práticas fundiárias na Europa, identificando paralelos com o período de ascendência cultural da paisagem a partir da transição do feudalismo para o capitalismo. A paisagem, assim, passa a ser entendida como uma forma de ver o mundo, principalmente a partir da ótica europeia, levando em consideração as relações materiais entre a sociedade e a terra. A ideia de paisagem, a partir dessa transição, passou a ser integrante das representações artísticas e literárias do mundo visível, sendo vista por um espectador, implicando em uma sensibilidade particular. Dessa forma, é abordado como essa relação da paisagem e sua história podem direcionar o papel ativo da produção cultural no seio da sociedade, onde a paisagem assumiu as propriedades de uma mercadoria generalizada cujas conexões com os meios de sua produção foram mistificadas.

Na vila Santa Clara, a paisagem se configurou através de sua herança cultural construída a partir do processo de ocupação em virtude da ferrovia. Dentre cidades e colônias, o pequeno povoado se estabeleceu como um elo local. Sua pequena dimensão e seus aspectos simbólicos são justamente o que foi adotado como elementar pela recente especulação imobiliária.

FIGURA 2 - Panorama geral da praça central da Vila Santa Clara



Fonte: João Paulo Rosalin (2023).

Cosgrove (1998 [1984]) constrói tal raciocínio discutindo o conceito de formação social. O autor aponta que

The concept of a social formation represents a recognition on the part of Marxist thinkers that in the case of really-existing historical societies people do not experience their lives in terms of separate spheres of existence: basic economic necessities and social relations grounded in them, overlain by less significant religious, political or cultural structures and activities. Nor do they act as if this were the case. All these spheres of existence which we separate conceptually are in fact unified in the consciousness and actions of a social order. (COSGROVE, 1998 [1984], p. 46).⁴

Sendo assim, discutir a formação social é importante para investigar determinada paisagem a partir da análise de todas as esferas de certa ordem social, onde o cenário político, cultural e social são tão importantes quanto o econômico. Para Cosgrove (1998 [1948]), uma formação social denota a unidade entre os aspectos da existência social. Corroborando esse viés, economia e cultura coexistem. A primeira é concebida a partir da produção de bens materiais; e a segunda, concebida como produção de símbolos e significados, reproduzindo continuamente as relações sociais (COSGROVE, 1998 [1948]).

Essa coexistência entre economia e cultura dentro do conceito de formação social e sua análise em conjunto com a ideia de paisagem de Cosgrove se apresenta como uma importante categoria para analisar a apropriação visual e subjetiva da Vila Santa Clara no município de Dourado (SP), onde a estética rural é alterada e re-valorizada por uma parcela da sociedade que busca a fuga do urbano, acarretando na constituição de uma paisagem simbólica (**figura 3**).

Se para Cosgrove existiu uma alteração do valor da terra na transição do feudalismo para o capitalismo, onde o valor de uso foi substituído pelo valor de troca, a Vila Santa Clara representa esse valor de troca do capitalismo na forma das re-valorizações da ruralidade no século XXI e das dinâmicas de especulação imobiliária nesse contexto.

⁴ Em tradução nossa: “O conceito de formação social representa um reconhecimento por parte dos pensadores marxistas de que, no caso de sociedades históricas realmente existentes, as pessoas não vivenciam suas vidas em termos de esferas separadas de existência: necessidades econômicas básicas e relações sociais nelas fundamentadas, sobrepostas por estruturas e atividades religiosas, políticas ou culturais menos significativas. Nem agem como se fosse esse o caso. Todas essas esferas da existência que separamos conceitualmente são de fato unificadas na consciência e nas ações de uma ordem social”.

**FIGURA 3 - Padrão arquitetônico das casas da Vila Santa Clara**

Fonte: João Paulo Rosalin (2023).

A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA, A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM E A VALORIZAÇÃO DO BUCÓLICO.

O meio rural é definido de tal forma que a sua associação é imediatamente comparada com a ideia de precariedade e carência, visto como uma área setorial de abandono e desertificação demográfica. Seus subsídios de constituição e formação se encaixam em em um princípio característicos em seu modo de vida e adentram ao debate do desenvolvido ou não desenvolvido em relação ao meio urbano (Abramovay, 2000). Esses modelos de entendimento conceitual permearam as discussões teóricas das instituições governamentais realizadas nas últimas décadas, buscando analisar quais são as dinâmicas de produção e reprodução que esses espaços categorizados estão inseridos.

O princípio da aparência da ruralidade e sua perspectiva bucólica de ordenamento territorial, caracteriza a ação de aproximação do ideal de vida no campo e fuga do meio urbano e suas agitações cotidianas. A estética paisagística do rural reverbera novamente sobre a condição discursiva de um novo padrão de vida e o distanciamento da violência citadina de



localidades com grandes excedentes populacionais. Ao analisar o comportamento dos diferentes objetos que compõem o espaço geográfico é notável que a cada processo histórico de refuncionalização a sua composição se ajusta às ações de valorização que lhe são atribuídas (SANTOS, 1988).

Pensar nesses princípios de modernização e de reordenamento da organização do espaço caracteriza o entendimento das circunstâncias que ocorrem na Vila Santa Clara em Dourado (SP). Considerada como uma localidade de proporção rural, seu movimento de vivência cotidiano está ligado ao seu processo histórico de formação (**figura 4**), que advém da lógica ferroviária e seu momento de expansão pelo território brasileiro.

FIGURA 4 - Exemplo de moradia funcional da lógica ferroviária, ainda presente na Vila Santa Clara



Fonte: João Paulo Rosalin (2023).

A paisagem e sua configuração territorial, assumidas no período de sua formação, se reestruturaram de acordo com as novas ações e lógicas de ocupação que estão a se inserir na localidade. Assim, seu uso adentra em uma situação de especulação e valorização caracterizada pela presença de novos membros que visam um ordenamento pautado em sua singularidade de perspectiva de vida. Nesse caso, a sua situação de ajuste territorial passa a ser considerada como uma localidade selecionada dentro do município de Dourado (SP). Na **figura 5**, a seguir, podemos observar uma amostra desse processo: uma residência é readaptada, ganha elementos estéticos exógenos à sua funcionalidade e tempo originais e

passa a gerir outro significado e outro uso no tempo presente. Essas alterações estéticas buscam elementos de valorização da propriedade.

FIGURA 5 - Exemplo de moradia refuncionalizada, com sua estética parcialmente alterada



Fonte: João Paulo Rosalin (2023).

A atualidade do espaço geográfico se caracteriza em suas funções sociais exercidas pelos seres vivos e as materialidades que compõem sua essência. A paisagem seria uma circunstância momentânea de observação e registro dos objetos e ações que foram efetivamente concretizadas em diferentes momentos da história. O que vislumbra a morfologia e as diferentes idades que estão em sua composição (SANTOS, 1988). A Vila Santa Clara recebe uma nova funcionalidade, uma vez que sua estrutura espacial passa por uma nova configuração e a aquisição das residências que compõem sua organização paisagística se altera de acordo com os novos investimentos que estão a se consolidar no seu território.

Uma separação econômica e segregativa se organiza a partir das relações sociais que se estabelecem em cada localidade, produzindo socialmente, um espaço representado pelas formas de reprodução do capital e sua paisagem física (HARVEY, 2006). O valor de uso criado na imagem é acentuado em diferentes formas que são atribuídas ao território,

caracterizando cada conteúdo de acordo com a intencionalidade dos agentes que estão envolvidos na construção dos objetos que compõem o espaço geográfico (SANTOS, 2017). As formações socioespaciais existentes são modificadas nas novas relações que estão a caracterizar a paisagem, e a Vila Santa Clara, ao ser ocupada por novos moradores, se refuncionaliza como área de separação em relação ao contexto citadino de Dourado (SP).

Essa separação busca, a todo momento, trazer sensações de pertencimento a um ambiente de calma, serenidade e segurança. Para isso, uma série de ações e símbolos é incorporada à paisagem. A **figura 6**, por exemplo, retrata a residência do vigilante do povoado. Para criar o imaginário de segurança associado a elementos da ruralidade, utiliza-se da figura do *sheriff* (autoridade policial típica da formação socioespacial estadunidense), conduzindo a um espaço propício ao ideário de segregação elitista.

FIGURA 6 - Exemplo de elementos culturais exógenos à formação territorial da Vila Santa Clara



Fonte: João Paulo Rosalin (2023).

A valorização do espaço se torna a marca desse processo que ocorre no interior do estado de São Paulo, uma vez que sua ocupação e reestruturação dão origem a uma nova forma de caracterizar os imóveis nessa localidade, formulando um reordenamento do seu espaço rural com o deslocamentos de pessoas que visam uma nova funcionalidade a *paisagem* (SANTOS, 1988). Esse fato se consolida sobre as circunstâncias de valorização simbólica do modo de vida rural e como refúgio para uma situação de tranquilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço das ferrovias e a expansão dos diferentes usos territoriais apresentaram mudanças significativas na produção do espaço geográfico em áreas conhecidas como Sertões de Araraquara. O meio técnico configurou formas geográficas que estruturaram paisagens vistas como formações socioespaciais da produção cafeeira e a sua mecanização do território. Isso é possível, uma vez que através do processo de industrialização novas regiões e meios de ocupação foram formalizados. A Vila Santa Clara no município de Dourado (SP) obteve sua essência de formação nas circunstâncias de avanço das ferrovias e expansão da produção cafeeira nos territórios paulistas.

A valorização espacial, associada a demandas de formalização imobiliária, compactuam com aspectos de diferentes ordenamentos espaciais ligados aos princípios de aparência da ruralidade e sua perspectiva bucólica de aproximação do ideal de vida no campo e fuga do meio urbano. A Vila Santa Clara adentra a essa arena da especulação justificada nos requisitos da tranquilidade e do distanciamento da violência e suas agitações cotidianas. Esse fenômeno caracteriza seu novo enquadramento normativo nas condições de (re)funcionalização do lugar. As ações que modificam as paisagens de acordo com os novos sentidos, que são implementados nos diferentes contextos históricos e políticos, combinam sua atuação de requalificação do espaço geográfico no sentido da estética do rural. Desse modo, o lugar entendido como Vila Santa Clara começa a ganhar novas características a partir dos processos de ocupação e de movimentos materiais e imateriais, relacionados à sociedade e os sentidos de construção dos objetos.

Portanto, a ocupação e reestruturação do lugar, visto como de formação histórica rural e bucólica, adquire um caráter capitalista em sua nova forma de caracterizar os seus imóveis. Essa formulação é fruto de um reordenamento espacial que se consolida sobre as circunstâncias de valorização simbólica do modo que foge da violência e das agitações de grandes centros urbanos, tornando o ideal de tranquilidade algo comercializável junto dos processos de valorização do espaço geográfico.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **O capital social dos territórios**: repensando o desenvolvimento rural. Revista Economia Aplicada, nº número 2, vol. IV, p. 379-397, abril/junho, 2000.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. Campinas, SP: IE Unicamp, 1998.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. University of Wisconsin Press, p. 332. 1998 [1984].

FOLLIS, Fransérgio. **Posseiros e sesmeiros nos Sertões de Araraquara**: A luta pela terra e a formação do latifúndio. São Carlos: Edufscar, 2008.

FREDERICO, S. Território e cafeicultura no Brasil: uma proposta de periodização. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 1, p. 73-101, abril. 2017. ISSN 2179-0892.

HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2006.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e Ferrovias**: A Evolução Ferroviária de São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Cafeeira. São Paulo: Editora Alfa-Omêga, 1974.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

PRADO Jr., C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp. P. 392. 2017 [1994].



SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.**

Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil.** São Paulo: Alfa Ômega, 1986.

SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 6, P. 21-28, jan./jun. 1999.

TOPIK, S. The integration of the World Coffee Market. In: TOPIK, S.; CLARENCESMITH, W. G. **The global coffee economy in Africa, Asia, and Latin America (1500-1989).** New York: Cambridge University Press, P. 21-49. 2003